

## O ASSASSINATO DO FILATELISTA

Juan Pablo Aguilar Andrade

Revista Amexil 187, outubro/dezembro de 2022

Couville é uma pequena aldeia na Normandia, a treze quilômetros de Cherbourg; tinha pouco menos de quinhentos habitantes em 1896 quando se tornou notícia internacional graças a uma descoberta macabra.

A 21 de Maio desse ano, o comboio que chegava de Paris trouxe um pesado bau que, não reclamado por ninguém, acabando no depósito de bagagem. Ali, o fedor que emitia atraía a atenção dos empregados que, com a ajuda da polícia, o abriram e descobriram um corpo semi-decomposto, meio nu e com o crânio esmagado. caveira esmagada.

No dia seguinte, um jovem casal, Guillermo Aubert e Margarita Dubois, veio a estação para recuperar o bau, sem saber que os polícias já tinham montado uma operação de vigilância. Quando interrogados, a sua primeira reação foi afirmar que não conheciam o homem morto. Aubert inicialmente negou isto, mas depois afirmou que estava em defesa própria.

Apesar da relutância do casal, a polícia conseguiu identificar a vítima, desfazer o emaranhado e estabelecer o que tinha acontecido. E quando isto se tornou notícia, para além dos ingredientes de qualquer ato de derramamento de sangue, o que atraiu a atenção do público foi o motivo do assassinato: um álbum de selos.

Um álbum cujo dono era um jovem na casa dos vinte e poucos anos, Emilio Delahaef, o filho de um fabricante de tijolos cujas possibilidades de trabalho foram severamente limitadas pela tuberculose de que sofria. Comprar e vender selos postais foi o meio que ele encontrou para obter um rendimento, e o mercado de selos em Marigny, ao lado dos Campos Elísios, era o local onde ele frequentemente ia para conduzir os seus negócios. Foi lá que Aubert quando comprou o álbum por dois mil francos a um Sr. Binard.

Aubert tinha trinta anos e tinha dissipado a sua riqueza numa série de atividades, nem sempre honestas e certamente não estava a ir bem no negócio dos selos postais, a última ocupação a que se dedicou, por causa do que tinha estado envolvido, simplesmente por uma vontade de ganhar dinheiro. A coleção que Delahaef tinha acabado de comprar representava o dinheiro que ele precisava, por isso ele colocou em marcha um plano para fazer com os selos.

Em 12 de Maio, enviou três cartas idênticas a três comerciantes filatélicos idênticos, Astruc, Maury e Delahaef. Ele próprio assinou como Gaston Darnis e ofereceu entre dois a três mil francos para uma coleção de selos.

Gostaria de comprar uma boa coleção de selos", dizia a carta, "autêntica garantida, por cerca de dois ou três mil francos. Pensei que os poderia encontrar facilmente na sua casa. Se me puder fornecê-los dentro de 24 horas, por favor envie-me uma mensagem para Gaston Darnis, Cafe des Negociants, Rue du Louvre, Cidade. Envie um dos seus empregados com a resposta para o Café des Negociants ou para o hotel ao lado, o Grand Hotel Central, por volta das 12 horas em ponto.

Astruc e Maury convidaram-no a visitar as suas instalações, porque eles não faziam negócios em casa dos seus clientes, mas Delahaef caiu na armadilha. A 14 de Maio, com o álbum de selos e um fornecimento de selos duplicados. debaixo do braço, ele foi ao local indicado por Aubert, que o esperava com um machado e um bau vazio.

Com os selos na sua posse, parece que Aubert escolheu os selos mais valiosos e os vendeu separadamente, porque o álbum que vendeu em 19 de Maio por, por 600 francos ao comerciante Doubledent, tinha sido despojado de muitas das suas peças.

Outro comerciante disse que Aubert queria lhe vender uma série de selos e falou de uma coleção que ele ofereceu para o trazer no dia seguinte, mas ele nunca regressou.

Enquanto os lucros do crime eram transformados em dinheiro, havia um problema a ser resolvido, o que, ao que parece, não foi tido em conta no plano inicial: o que fazer com o cadáver. O bau fez uma peregrinação de uma estação ferroviária a outra, de Montparnase a Lyon, e finalmente para Saint Lazare, de onde partiu, para se encontrar com a polícia em Couville, embora a ideia fosse despejar o corpo no mar em Villers-sur-Mer.

No julgamento, Aubert apresentou-se como doente e desequilibrado, pedindo constantemente morfina, gritando, gemendo, batendo os pés e mordendo os punhos. No final, ele conseguiu escapar à morte mas foi condenado a trabalhos forçados para toda a vida. Marguerite Dubois não foi considerada cúmplice, mas sim cúmplice por encobrir o fato, sendo condenada a três anos de prisão.

---

Traduzido pelo site <https://www.deepl.com/translator> com adaptações para o português do Brasil por Roberto Aniche

---

Artigo original anexado.